

PAULO DAMIN

ESTUDO DE CAUSO



TRÔPEGO

PAULO DAMIN

ESTUDO DE CAUSO

Trôpego

Laguna
2025

Trôpego
Estudo de caso
© Paulo Damin

EDITOR E DESIGNER

Eduardo Cazon

REVISOR

Paulo Henrique Pappen

ASSISTENTE EDITORIAL

Samantha Alflen

IMAGEM DA CAPA

Hans Thoma

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Damin, Paulo.

Estudo de caso / Paulo Damin. – 1 ed. – Laguna, SC : Trôpego,
2025.

ISBN 978-65-985440-5-8

1. Ficção brasileira. 2. Gauchos – Usos e costumes – Brasil.

3. Linguística. 4. Regionalismo. I. Título.

25-303380.0

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB 1/3129

Trôpego
Literatura popular
@editoratropego
www.tropego.com

Apresentação

Luiza Milano

Um estudante de Letras, bolsista de pesquisa na área da linguística, em saída de campo, é quase sempre um sujeito previsível. Ele se prepara muito. Vai se munir de teoria para amparar e direcionar sua coleta de dados. Portanto, ele lida muito bem com os fenômenos previsíveis na fala de seus informantes. E também, se realmente tiver perfil para a vaga, ele traz consigo a alta habilidade de considerar as ocorrências linguísticas excepcionais (afinal, toda regra tem exceção).

Se tal estudante for integrante de uma equipe de fonologia, tudo isso se torna ainda mais certo. Ele precisa conhecer muito bem os sons de seu idioma e ainda as tantas variações que esses sons possam apresentar. Afinal, transcrever tais sons será mais uma de suas tarefas. Ele se prepara para encontrar sons mesclados por outros idiomas e/ou dialetos, ele estará atento às diferenças geracionais, às variações de gênero e de perfil sociocultural de seu informante e estudará previamente fenômenos fônicos que repercutem na fronteira dos estudos da sílaba, da palavra, da frase e da prosódia.

Ah, e ele precisa desenvolver também a habilidade de escutar. Bem, é aí que as coisas podem se complicar, e um estudo de caso pode acabar virando um estudo de caso...

Foi isso que, ao que tudo indica, aconteceu com o narrador deste livro. Ele contaminou sua escuta linguística com sabe-se lá o quê. Na verdade, esse “*sei lá o quê*” não é tão nebuloso assim. Parece ser esse mais um dos tantos tabus do terreno das Letras. Letras que muitas vezes se embaralham, até mesmo quando se pretende a dita transparência científica. Elas se embaralham na língua, no inconsciente, nas artes – e, portanto, na vida.

Se nas Letras, linguística e literatura tendem a figurar distantes uma da outra, o que Paulo Damín faz neste livro é justamente o movimento contrário: ao se permitir brincar com a opacidade e a transparência da língua através do carismático personagem Treze, ele dribla tudo isso e acaba por dar ao leitor a deliciosa oportunidade de, mesmo que venha a ler em voz baixa, escutar um excelente livro!

Prefácio

Esta é uma obra de ficção, resultado de uma pesquisa de campo que eu fiz em 2013, na localidade de Nossa Senhora das Grotas, em Caxias do Sul, RS. São causos que eu gravei e depois transcrevi. Outras informações e explicações estão em notas de rodapé. O todo pode ser lido como um trabalho de linguística, um livro de contos e, quem sabe, um romance, dependendo do caminho de leitura escolhido (por exemplo, o leitor e a leitora podem decidir ler ou não as notas de rodapé do jovem pesquisador).

Agradeço o Treze, por ter participado da pesquisa, e a cara orientadora, que aceitou o caráter literário que meu trabalho em linguística acabou tomando graças ao entrevistado.

Espero que esse livro possa contribuir para uma melhor aproximação da linguística com a literatura e vice-versa.

Até aqui era o prefácio da primeira edição, de 2015, que assinei com meu nome acadêmico. Foram cinquenta exemplares, vendidos todos no lançamento. Dez anos depois, surgiu a oportunidade de republicar este livro graças a um amigo editor.

Além do interesse natural pelo personagem e a temática do idioleto, ou seja, a especificidade linguística de uma pessoa, lembrei agora que a vontade de escrever esse livro surgiu também porque eu recém tinha lido obras literárias que trabalham a partir da inquietação linguística. Por exemplo, o *Grande Sertão: Veredas* – que achei um exagero – e *A língua de Eulália* – que prefiro não comentar. Eu pensei: vou

tentar fazer o que eu teria feito, no lugar do Guimarães Rosa e do Marcos Bagno.

Não sei como o *Estudo de caso* envelheceu por aí. Eu tinha 29, 30 anos quando o escrevi. Na época, eu praticamente só fazia humor. Ao longo desses anos, segui buscando, de alguma maneira, o caminho entre a oralidade e a escrita. Agora dei uma relida aqui, mexi quase nada. Só tentei tirar um pouco do que me soava excessivamente exagerado e meia-boca.

Viva o *r* e todos os alofones.

Vandalino, mas pode me chamar de Treze

Você que vai ajudar construir o garpão?¹

Treze porque tinha lá a loteria esportiva, sabe, que se você fizesse treze ponto você ganhava uma bolada. É assim, não adianta: você tem sorte UMA vez na vida, e a gente nunca sabe direito o que fazer com ela. Daí já viu: tudo mundo começou me chamar de Treze, lá em São Pedro. Um misérito que teve sorte... As guria ficavam curiosa, pensavam aí, que será que é Treze? Bobagem sempre pega, né. Um chamamento desse é só pra você não esquecer nunca do azar que você tem.

PENSE um piá abobado que ganhou na loteca. Que que você acha que eu fiz com o dinheiro? Fui pra zona! Não, só que primeiro eu comprei um lote lá pro pai e outro pros meus ermão, pra cada um deles se ajeitar numa casinha, num terreno próprio. Daí eu me debandeei pro chinaredo. Só uísque, champanhe, tudo que as muié queria eu pagava. Nunca tive tanto amigo como que nem naquele tempo. Me diga se tem um jeito de te rrespeitarem mais do que você viver no puteiro? Não existe. Eu dormia cada noite com uma diferente. Se chegava uma nova, eu tinha prioridade. Mas eu era o REI! DOIS ANO eu fiquei morando lá. Só no uisquinho, cigarro de filtro, carne e você sabe.

Vez em quando dava uns entrevero brabo lá. Puteiro não é fácil, tudo os dia vira chorna. Os home bebe e perde a cabe-

1. Cara orientadora, procuro transcrever fielmente esses dados de fala, mas faço algumas concessões ortográficas para facilitar a leitura geral. Afinal de contas, o que nos interessa aqui é a variação de *r*, que está devidamente destacada: *tereno*, *cigaro*, *raiva* etc. Nas notas seguintes, trago mais comentários e observações pontuais.

ça. Não digo que comigo não aconteceu, mas era uma época de sorte, que nem como que eu te falei pra você. Única coisa meia mais ou menos ruim que me aconteceu foi um tirotéu que deu lá uma noite. Cara do Céu! Não sei que que tinha lá que um brigadiano se desengraçou com um beudo. Mas o brigadiano tava mamado também, aí você imagine. Era de cinema! Parecia filme de faroeste, sabe, os pistoleiro tudo se escondendo natrás dos barcão, as mesa revirada... E aquele GRITAIEDO das guria. Pra te encurtar a história, eu me atirei LÃ de em cima do segundo andar LÃ no chão. Mas memo assim eu tomei um tiro no tronozelo: pegou aqui, entrou e atravessou e saiu aqui do outro lado. De morto memo só o gaiteiro cego, que não sabia pra onde corer e continuou a rancheira, rindo de apavorado, sem lembrar quem que ele era lá no meio do furdunço.

Mas aquele gaiteiro era uma história à parte. Se eu te conto... Além de eu, ele era o único home que morava lá. Passava o dia dormindo de embaixo dum cinamão que tinha natrás do chinaredo. Roncava que parecia gaita de oito baixo – você chegava ouvir UM QUILOMETRO longe. De noite ele ficava aceso, daí. Tocava sem respirar tuda a noite. Enquanto que tinha gente lá ele seguia. Vez em quando vinha uma e dera-mava uns gole de cerveja na boca dele, sem ele percisar parar de tocar, sabe. Levava o baile sozinho, era um animal de animado! E se vinha argum violeiro de fora ele acompanhava facinho, sem pedir as nota nada. Bota músico bão, home do Céu! Aí balearam ele bem no meio da cordeona... A gaita só fez um *fióóóóum*, assim, como que nem quando que o fole murcha. Você não tinha o que fazer, era um côra quem puder. Eu só vi aquela janela ansim e SARTEI pra fora. Enquanto que eu tava caíndo, daí, o tiro me pegou no tronozelo. Parecia picada de abeia, sabe? Digo mas furungo dói bem pra pior!

Aí eu fui na véia benzedeira lá. Ela me passou um mes-truz ali e daí sim ardeu, mas era pra desinfetar, tudo bem.

Costurou, enrolou uns trapo, fez uma reza e disse você não vorte mais lá naquele chinaredo se você quer viver ainda. Diz você teve uma grande chance de fazer o certo e você tá fazendo tudo errado. A sorte acaba, ela disse. Digo a senhora tem razão, só que eu precisava matar a vontade de ficar com as muié. Ela: tá. Daí fui-me embora pra casa do pai, que eu tinha dado o terreno lá pra ele e ele tava fazendo uma casa nova em cima.

Você pensa que ele me recebeu? Mas não deixou eu nem passar do portão! Diz vorte de vorta lá pras tuas china! Você não vale nada, ele me disse, com tuda a educação que eu te ensinei e você é um putanheiro! Bah... Aí eu me enfuriei, rapaz. Me passou como que nem um filme na cabeça, das coisa que ele me fez antes de eu sair de casa. Digo você não tem moral. Você é o maior salafrário e você não me deixa entrar na casa. A casa que eu te dei!, eu disse pro pai. Ele quis vim me bater, daí. Digo e você não ARCE a mão pra mim. Você NUNCA MAIS erga a voz pra falar comigo. E peguei e fui-me embora dali também.

Aí cheguei nos meus ermão, sabe, o Vandalécio e o Vandalerlei (a Vanda ainda morava com o pai e a mãe). Você me acredita que eles também não me deixaram entrar? Digo mas que gente mais desagradecida! Não, você tinha que ver os LOTE que eu dei pra eles. Era pra você erguer as mão pro céu e dar graças que eu não esbanjei tudo na zona, mas os piá nem pra me receber. Digo uma noite só! Não, diz eles. Você que vá lá com as tuas puta. Mas óie se não é pra você se invocar? Aí virei as costa e andei de vorta pra zona, o tro-nozelo já inchado de infração – digo ainda vou perder a perna desse jeito.

Que que você pensa que aconteceu quando que eu cheguei na zona? Me diga se me deixaram entrar. Mas nem passar do portão! Diz a patroa lá temo fechada. De agora pra frente só entra aqui se nós queremos. Eu digo mas e eu?

Vocês não me querem? Ela só oiou assim e fez um risinho de cortar o orguio do cara em dez pedaço. Digo mas é o fim da sorte memo. E me enfiei na bodega que tinha lá perto.

Ali, pelo menos, me deixaram entrar, memo com aquela perna sangrando. Eu taquei cachaça ali e sal pra estancar. TUDA A NOITE eu passei na bodega, matutando o meu azar. Digo agora eu vou tomar tento. Pegar o resto que eu tenho, investir... Mas capaz! Dali a pouco passa lá um conhecido meu, o Chimpanzé, me convidando pra ir pra zona lá na outra cidade. Você pensa que eu não fui?²

2. Cara orientadora. O que a gente não faz pela ciência? Mas até que ser servente de pedreiro não é das piores tarefas para um linguista em busca de dados espontâneos de fala. O sujeito fica ali contando as histórias dele e, enquanto damos uma mão para alcançar ferramentas, misturar o concreto, pregar umas tábuas, o gravadorzinho capta os dados pra pesquisa. Garanto que desentortar pregos é um serviço mais simples do que fazer transcrição fonética.

Na fala deste sujeito, registrei apenas três ocorrências de *r forte* em início de palavra: *respeitarem*, *ronco* e *rreclamando*. Na grande maioria das vezes, como se verá, o *r* inicial é fraco.

O que logo chama a atenção é o enfraquecimento de *r* em contexto de ênfase: *REI* em vez de *RREI*, por exemplo. Isso contraria a hipótese de que a ênfase favoreceria a realização de *r forte* e justifica, pelo menos, a minha ida a campo (se era para confirmar hipóteses, bastava o banco de dados da universidade).

O sujeito em análise é do norte do Rio Grande do Sul, onde se usa *você*, em vez de *tu*. Naturalmente, na fala dele ocorre variação de *você*, *ocê* e *cê*, dependendo dos contextos sintáticos e prosódicos. Como essa variação não é objeto da minha pesquisa, e como não pretendo carregar ainda mais a transcrição destes dados, opto por utilizar sempre a variante menos marcada *você*.

Não deixo também de fazer observações sobre os diversos fenômenos linguísticos presentes na fala deste sujeito. É curiosa, por exemplo, a diferença que ele faz entre *lã* e *lá* (tenha visto, mais acima). Aparentemente, a variante nasalizada *lã* expressa maior distância que *lá*.

Tenha observado também, cara orientadora, que para evitar a ambiguidade ortográfica entre *cora* (de “*corar*”) e *cora* (de “*corer*”), faço a notação com acento circunflexo, indicando que a vogal é fechada (*côra*, portanto).

Os cara chegaram assim como que nem quem não quer nada

Sentaram no bar, charla vai, charla vem, queriam saber onde que era a noite. Lá na estrada como que nem quem vai pra Santa Juçânia, diz que disse o Coronelinho. Tem um chinaredo lá, você vê pelas parede roxa da casa. Daí depois queriam saber da polícia. Como é que é a polícia por aqui? Ih, diz o Coronelinho, a polícia é fraca. Nem existe polícia aqui. E os véio do bar só escuitando, sabe. Diz o que será que esses louco tão aprontando?

Os estranho se debandearam lá pro puteiro, daí. Trova uma puta aqui, outra ali, dança umas lambada, enche a moringa de pinga e, quando que amanheceu, os cara tavam lá na frente do bar esperando. Foi esse véio ABRIR a porta que os louco sartaram pra dentro e já foram quebrando tudo, pedindo onde que tá o dinheiro, onde que tá o dinheiro? O véio ele não é besta e mostrou logo pros bandido onde que tava o cofre. Daí tá, tudo certo, deram umas coronhada no véio e pegaram tudo que tinha. Mas foi eles PISAR fora do

O critério que uso para transcrever os verbos sem o *s* final é o seguinte: alguns brasileiros o usam com naturalidade, então é importante marcar que o Treze não o faz. Por outro lado, não elimino o *r* final dos verbos porque ninguém, em situação normal de fala, o realiza. Portanto, *trabaiar*, e não *trabaiá* (forma que certos autores utilizam, sobretudo, para rebaixar o falante).

Seguindo o mesmo raciocínio, transcrevo *home* porque é importante mostrar que o sujeito não realiza a nasal final, diferentemente de muitos brasileiros. Não elimino o *h* porque seria uma subversão inútil, já que ninguém o pronuncia. Deixo para os senhores que legislam sobre a língua fazê-lo. *Muié*, também, vai assim sem *r* porque muita gente no interior de São Paulo e do Paraná usa o *r* final – uma coleta de dados por lá possivelmente me faria transcrever *muier*.

bar que apareceram RÁPIDO os paisano, tudo com os trabuco na mão. Mas VARRARAM³ aqueles ladrão de bala! Se você oiar bem dá pra ver os buraco de tiro na parede lá. Diz o Coronelinho: nós não vamo NUNCA porencher esses buraco, que é pros mau elemento saberem quem é que manda nas Grota.

Isso logo antes do Natal, imagine. Nunca tinha acontecido nada aqui. Até o Papai Noel ficou com medo de aparecer, depois do tirotéu. Você não diga que eu te disse, mas as criança aí das Grota não ganharam UM brinquedo que fosse. O Papai Noel foi assaltado, diz os pai delas. E as criança tudo apavorada, com medo dos bandido. Bah, era tudo que esses véio queriam, economizar nos brinquedo!⁴

3. Cara orientadora. Observe aqui a realização do *r forte*, sendo que logo acima, em RÁPIDO, ocorre o *r fraco*. Devo reelaborar a hipótese inicial, pois essa variação parece se definir pela posição do *r* na palavra, sem depender da ênfase. Ou seja, em *varraram* o *r* está em posição tônica *no meio* da palavra, o que favorece a variante forte, mas em *rápido*, a sílaba tônica *em início* de palavra favorece a variante fraca.

4. O nome oficial da localidade é Nossa Senhora das Grotas, uma Capela (espécie de bairro rural fundado em torno de uma igreja) do distrito de Santa Lúcia do Piaí, pertencente a Caxias do Sul, RS. Para chegar no lugar, era preciso ir até Caxias e pegar outro ônibus, que parava em frente ao Bar Tradição, a única venda que tinha por lá.

Entrei na birosca e foi aquele silêncio. Os que estavam jogando mora pararam, com os dedos no ar. O bodegueiro paralisou com um garrafão na mão. O do palito de dente cuspiu no chão.

Eu ergui as mãos, rendido. O bodegueiro perguntou quem eu era e o que eu queria. Falei que eu era professor, vinha de Porto Alegre e queria fazer uma entrevista com alguns habitantes locais. Nem pensar, ele disse. Ninguém ia dizer nada, que esse tipo de coisa só servia para o governo descobrir o que eles pensavam. Mandou eu consumir alguma coisa ou ir embora. Pedi um copo de vinho, pra ver se eu ganhava uma moral com os nativos, mas eles só se acalmaram quando um deles, de barriga e bigode, veio sentar comigo.

— Desses aí tu só-só vai ouvir chumbo — ele disse — A gente passou por, poucas e boas ultimamente. Isso aqui era tranquilo, mas agora tá cheio de mano por aí. Melhor é pe-pegar o ônibus de volta a-manhã.

Não, o Coronelinho eu conheci faz pouco

Ele e o dono da fazenda lá que eu cuido são como que nem cu e carça, sabe? Só que ele andou um tempo Porto Alegre. Você não conheceu ele lá? Ele também era da faculdade. Aí vortou ano passado, que o pai dele morreu. Os ermão eles não se interessam por cuidar das téra, aí sobrou pra ele.

Agora ele tá metido nuns negócio aí de água. Esse garpão é pra encher de caixa d'água, pense só. Tem uma fonte lá pra cima, que eu ajeitei. Aí vem um caminhão, carega a água e leva embora pras fábrica de garafa. Imagine! Quando que você vai pensar que água dá dinheiro? Não, óia, se perigar eles ficam rico vendendo ar! Enquanto que tem os otário que compra, tem malandro que vende.

Se você queria arrumar trabaio, por que que não ficou em Caxias? Nesse fim de mundo as pessoa nem te cumprimen-

Claro que não tinha hotel nas Grotas. Então o barrigudo de bigode contou que estava construindo um galpão na terra dele e que, naquela noite, eu podia dormir lá.

— Fica tranquilo que, ninguém vai te in-comodar comigo. Coronelinho, eles me chamam, que o-o pai era o Co-coronel, entende?

Eu não tinha muita opção. Aliás, era talvez a única chance de coletar alguns dados, embora o Coronelinho tivesse um sotaque parecido com o de Porto Alegre, isto é, usava um *r* fricativo glotal (*ahoz*, em vez de *aroz* ou *arroz*). A não ser que eu quisesse estudar a gagueira, ele não servia. De qualquer forma, escondi o gravador ligado no bolso e fui com ele.

Chegando na propriedade (tipo fazenda, com morros e vales), conheci o homem que estava construindo o galpão. Ele se apresentou e foi logo contando história. O perfeito sujeito de pesquisa, cara orientadora. Pedi pra ficar, e o Coronelinho não achou má ideia (*Bem que-que me ser-ve outro peão. Mas eu não pa-go muito*). Sem problemas. Eu estava ali pela ciência. A ida a campo, pelo menos, não seria em vão.

tam, você reparou? Ou você vai Porto Alegre, ou vai pra Caxias⁵. Porto Alegre é mais maior, daí é mais fácil você se perder. Eu quando que morei lá eu morava em Arvorada, que é do lado. Uma RÁFIA, rapaz... Bom, pra você ter uma ideia, tudo os dia de manhã tinha um morto lá na encruziada. Mas era SAGRA-DO! Não faiava um dia! Uns tinha até a faca de atravessada no bucho ainda, o morto meio morno, as barejeira na vorta, das vez outros com tiro na cabeça, e uma vez teve um enforcado, teve. Os morador já nem comentavam mais. Só passavam ansim por em cima do corpo, como que nem quando que tem uma poça d'água. Não, aquela encruziada era braba.

Daí digo vou-me embora pra Caxias trabaiar nas firma. Mas JURRA⁶ que você consegue serviço bão logo! De primeiro eu consegui um bico pra limpar a fossa dum prédio lá. Me diga o que que o cara não faz pra não morer de fome! Daí arumei emprego numa feragem, sabe, aí durante a semana eu trabaiava lá empinando os material tudo. E durante a noite

5. É curiosa essa construção sem preposição: *ir Porto Alegre*. Segundo os meus dados, acontece apenas quando se trata de Porto Alegre mesmo. Por exemplo, *ontem eu fui Porto Alegre*, mas *ontem eu fui pra Caxias*. É o poder da capital, capaz de eliminar partículas sintáticas.

6. Cara orientadora. Observe a inversão de *r* em *JURRA* e *RÁFIA*. De fato, parece que é a posição da sílaba em que se encontra o *r* que determina a realização dele como forte ou fraco, independentemente da tonicidade ou da ênfase. Segundo essa hipótese, então, seria esperada a realização de *morrer*, em vez de *morer* (observe, logo abaixo), já que o *r* se encontra em posição central na palavra. O sujeito entrevistado não segue exatamente um padrão. Do ponto de vista da variação linguística isso é ótimo, porém me dará mais trabalho, sobretudo se devo analisar dados de outros falantes. Mas onde encontrá-los aqui?

Sei que nossa base teórica é formalista, mas não posso deixar de sentir uma certa influência pragmática nessa variação de *r*. No caso de *dirreto* (ver logo abaixo), por exemplo, o *r forte* dá um sentido diverso ao ato de cair no chão: *dirreto* parece expressar uma queda mais brusca e certamente mais dolorida do que *direto*. Na mesma linha de explicação pragmática, *bizaro* (como se verá adiante) soa bem mais bizarro com um *r fraco*, né?

eu era frentista no posto. E ainda nos domingo eu trabalhava em construção. Mais de ano eu passei com três emprego. Não tinha tempo nem de ir no banheiro, home de Deus! Até que um dia eu caí, duro, lá de cima dos andaime lá na laje do chão... A cara DIRRETO no piso: *bluft!* Daí que eu me amassei esse lado daqui. Bom, esse oio quase que cegou. Eu nem abro ele direito. Digo é: acabou a sorte memo.

Depois as coisa sempre se aprumam. Fiz fio, passou o tempo, agora eu me ajeitei lá no sítio do véio. Pra mim que não tenho nada é bão. Você cuida dos bicho, roça os mato, caça uns tatu, até açudinho tem pra criar umas carpa. Só o problema lá é o vizinho. Vizinho mala é pior que praga⁷.

7. Nas Grotas vivem sete famílias: quatro de origem italiana e três de origem alemã. Os italianos criam vaca e fazem queijo, plantam uva e fazem vinho. Os alemães criam porco e fazem linguiça, plantam batata e bergamota. O Coronelinho é dos alemães, mas não planta nem cria nada (segundo o Treze, ele vive do dinheiro que o velho Coronel tinha deixado embaixo do colchão). Ele é grotense nativo, mas morou muito tempo em Porto Alegre e, como já foi dito, adquiriu uma variante de *r* que não serve para os propósitos da nossa pesquisa. A esposa dele (a Caturita, conforme o Treze a chama) é porto-alegrense e também não serve. Os demais habitantes das Grotas não parecem dispostos a conversar. O único jeito, então, é a pesquisa se resignar a um estudo de caso, o caso do Treze.

Não vejo problema nisso, já que um dos objetivos periféricos é investigar a influência que as colonizações italiana e alemã têm ainda sobre o português. Ou seja, o Treze, como descendente de italianos (o nome dele é Vandalino Zanatta), se encaixa no perfil buscado. E, apesar de ele não ser grotense, ele usa muito o “*r das Grotas*”. Enquadrei-o na faixa dos 50+ anos, escolaridade mínima, italiano. Na hipótese inicial, era justamente esse o perfil que mais realizaria a troca de *r forte* por *r fraco*. Afinal de contas, o fenômeno é cada vez mais marcado socialmente, ou seja, os mais jovens procuram evitar pronúncias como *tereno* e *aroz*, bem como os mais escolarizados. Na língua italiana ocorre uma variação semelhante de *r*: pode-se dizer *ferrovia* ou *ferovia*, *rosa* ou *roza*, sendo que há uma tendência à realização do *r fraco*. Portanto, era esperado que os descendentes de italianos produzissem mais essa variante do que os descendentes de alemães.

Em dez minuto eu montei o acampamento

Montei as tábuas de compensado assim, meti as guias, bati o martelo... Quando que os homens da prefeitura chegaram eu já tava com ela coberta, a lona em cima e as coisas dentro da casa. O colchão ficou um tapete de capim. Coisa mais linda! Mas o vizinho pra lá não deu tempo de cobrir a casa e levaram tudo o teiado dele. Daí eu, eu saí lá daquela casa e deixei a casa pro Fereirinha⁸, sabe. O Fereirinha já fazia já uns seis meses que tava com aquela perna, sem comida, sem onde pagar o aluguel, sem nada. Aí eu doeí a casa pra ele morar.

Você chegar ver o Fereirinha, home, bah... É BIZARRO! Você visse a muié dele... É uma cotiara, Deus o livre! Mas ele gosta muito dela. E não vai gostar? A muié trinta anos sustentando ele! Se você chegar ver a muié dele e ele... Deu certo, sabe. Nunca mais vai dar tão certo. Nunca mais.

O Fereirinha ele morava do outro lado da BR. Daí ele foi atravessar a faixa lá beudo, passou um motoqueiro e pegou ele de em cheio. MOEU aqui, sabe. Quebrou a perna em dois pedaço. TRÊS ANOS ele ficou com aqueles ferro na perna. Daí,

8. Cara orientadora. Claro que, provavelmente, o sobrenome do indivíduo mencionado é Ferreira (daí o apelido em diminutivo). Como o foco desta pesquisa é a variação de *r* em começo de sílaba, transcrevo o nome tal como foi pronunciado, com um *r* só, mas não mexo na questão do ditongo *ei*, que o Treze, como a grande maioria dos brasileiros, não pronuncia nesses contextos (a gente diz *Ferrera*, *borrachero*, *intero*, etc.). Este é o critério geral para esta transcrição: marcar na escrita apenas o que é particular do sujeito em questão. Não faria sentido, portanto, transcrever *Fereirinha*, *borachero*, *intero*, etc.

quando que tava sarando, com aquela feragem... Você já viu escada de alemão? Deus que me perdoe. Tomara que eu não caia num racismo uma hora dessa. Se você vê a escada do Fereirinha lá, é pau e corda só, dessa largurinha assim. Não botaram corimão, sabe. Suba beudo ali, mas suba na sorte. Aí ele subiu lá em cima, com aqueles ferro lá (tava quase se curando, sabe), só que, quando que ele fez a vorta na escada, ele caiu lá de em cima lá embaixo com aquelas feragem na perna. Mas quebrou TUDO de novo!

Não, o Fereirinha eu vou te contar. Uma vez ele fez um tirotéu lá na cancha que não ficou vivo lá. Quiseram roubar ele dele lá nas bocha, aí ele alargou de um 38 e furou tudo aquele teiado à bala. Até que ele tinha bala ele foi atirando. Bom, ele ficou sozinho bebendo lá. E os cara servindo cerveja pra ele, era uma meia-noite. Aí ele foi embora, vesgo de trago. Mas o cara que ele deu os tiro lá sabia onde que ele morava. Que quando que ele atravessava a curva da zona pra varar lá do outro lado da BR que não tem as firma, sabe, era só o careiro sem luz. Daí o cara foi lá e se escondeu naquele careiro. Com uma SENHORA duma pedra na mão. Mas deu uma pedrada nesse cabeça de cavalo que foi um pacote! Tomou o revórver desse calinho e ó por aqui. Era de cinema! Só não matou ele porque não quis, sabe. Mas AFOFOU ele com a pedrada. E tomou o revórver do Fereirinha, que ficou mais pra lá do que pra cá atirado naquele careiro.

E aquela muié dele... Já tá criando espora, de VÉIA que ela é, e não aprendeu cozinhar um arroz. Juro por Deus do céu! Diz vamo armoçar aí. Digo bamo. Tinha uma carne lá: ela fez assada a carne na fôrma, fez o aroz lá na panela e trouxe lá em cima. Quando que eu peguei a primeira coierada... Parecia uma sopa, sabe. Digo tá, mas decerto botou demais água. Aí na outra vez tinha não sei o que lá, mas a mema coisa, daí ela abriu o jogo, diz ó, eu não faço comida, eu DETESTO fazer comida. Diz eu pego tudo no restaurante.

Quando que eu vou trabaia de manhã eu pego as marmita lá. Por isso: tá criando espora de véia, que nem galo, e não aprendeu cozinhar um aroz!⁹

9. Minha falta de habilidade se revelou logo no primeiro dia, quando pisei num ancinho e levei o cabo no meio da cara. O Treze achou muito engraçado: *Você pode passar a vida inteira sem beijar UMA muié, mas ancinho é certo que um dia você beija.*

Alguma coisa de servente, porém, eu já era capaz de fazer. O que eu mais gostava era usar a betoneira: dez pás de areia, quinze de brita, vinte de cimento e água até o ponto. O concreto ficava tão bonito que dava vontade de comer com pão.

Nós tínhamos um fogareiro e uma panela. Em geral a gente fazia polenta (pra comer com sardinha), e de vez em quando um arrozinho com linguiça. Na verdade, quem cozinhava era eu, por ser o operário menos talentoso dos dois (não que eu fosse melhor cozinheiro). A gente tinha também um lampião a querosene, que servia mais pra atrair mariposas do que pra iluminar. De noite, eu só via a cara do Treze quando ele acendia um palheiro.

Daí fumo pro Uruguai

O Chimpanzé ele tinha um fuca, mas só que sem os farol da frente. Aí você imagine: enquanto que um dirigia, o outro tinha que segurar o foque pra fora da janela, pra alumiar um pouco a estrada. Mas nós não via UM PARMO na frente! Que que nós tinha que inventar de viajar de noite, também. Mas é que ele não tinha os documento do auto, aquelas coisa. Aí até que acabou as pia¹⁰ do foque e tivemos que parar no meio da ermidão pra esperar que ficasse de manhã.

Não passava ninguém por aquela estrada. Digo mas você tá certo que o caminho é esse? Deixa comigo, diz o Chimpanzé. E dava uns tapinha no ombro da gente. Eu só pensando aonde é que eu vim me meter. Era um deserto, sabe? Você oiava em redor e não sabia dizer onde que começava o céu e terminava o chão. E aquele vento manso – você sentia que vinha de longe.

Naí eu já tava arependido. Digo eu quero ir pra casa. Digo vou é FAZER uma casa pra dar um jeito na vida. Diz o Chimpanzé mas ESSA é a nossa chance! Diz esse dinheiro que você tem vale três vez mais no Uruguai. A gente bota uma

10. Cara orientadora. Outro fenômeno interessante na fala deste sujeito é a troca de *lh* por *i*. Na verdade, o que ocorre é uma substituição da líquida *lh* por um glide *j*, o que poderia ser representado na escrita por uma duplicação de *i*: *pilha* > *píia*, *filho* > *fíio*, *trabalho* > *trabaiio* etc. Porém, devido ao processo natural de crase (*i* + *i* = *i*), faço a notação com um *i* somente (*pilha* > *píia* > *pia*).

Outra coisa que se verá logo em seguida na transcrição e, embora não tenha nada a ver com o meu trabalho, também é digna de nota é a aglomeração de *em* com itens lexicais, como *em* + *aí* = *naí*, *em* + *atrás* = *natrás* e *em* + *onde* = *nonde*. Além da variação de *r*, haveria muito a estudar a partir da fala desse sujeito.

banca de cachoro-quente na praia e fica na maciota. E eu quieto, só, né.

Pra você ter uma ideia, nós era tão idiota que nós nem tinha visto que nós já tava no Uruguai. Que quando que amanheceu veio um home de a cavalo pedir o que que nós tava fazendo ali nas téra dele. Tudo em casteiano, sabe, mas se entendemo. Que nem, quando que eles dizem bom dia é buenos dias, é mais de um, mais devagar. Aí diz o Chimpanzé nós viemo comprar uns uísque. E me piscava, assim, que quando que ele não tava dando tapinha no ombro ele tava piscando. Pra despistar o home, né, como se o outro fosse querer roubar a nossa ideia. Me diga se tem cabimento: o outro lá numa fazenda inteira só pra ele, decerto que ia se enfiar na praia vender cachoro-quente...

Daí ele só mostrou pra nós o caminho da cidade lá, como é que era o nome? Agora eu não lembro o nome... Se você fala eu sei dizer qual é que é. Mas não era perto da praia. Não era perto de nada. Só umas fazenda de gado coisa mais linda. E umas morena, rapaz! Elas oiavam a gente ansim de arepiar, sabe, que nós era estranho e novidade. Aí cheguelmo em duas lá. Diz elas vocês vinheram¹¹ pro cassino? E eu só vi briar os óio do Chimpanzé. Ele me bateu no ombro assim e diz temo com sorte. Bamo pro cassino, diz ele. A gente DO-BRA esse teu dinheiro na roleta. E quando que eu vi nós tava de braço cada um com uma muié entrando no cassino lá.

Rapaz... Você precisava ver o luxo daquele troço! Umas cortina vermeia assim de uns três metro de artura. E no chão também, um carpete que você tinha vontade de se

11. Cara orientadora. Além das ocorrências de *vim*, no lugar de *vir*, observe aqui essa forma *vinheram*. Aparentemente, para este sujeito, a raiz desse verbo é com a nasal, ou seja, *vim*. É digno de nota que esse fenômeno ocorre na fala de muitos brasileiros, inclusive eu, se eu não me cuidar. Talvez no futuro isso seja o padrão.

deitar ali, que bem dizer era um colchão. Nem sei como é que deixaram nós entrar lá tudo xujo, eu com aquela perna ainda mancando do tiro. Mas é que você com uma morena do lado dá uma moral, né. Eles sabem que se você não tem dinheiro você não aranja muié, aí se uma te quer quer dizer que alguma coisa você tem.

Mas pra você ver como é que são as coisa: nós chegemo na mesa tava dando doze. Digo o próximo vai ser treze, e fiquei só espiando. Aí roda a bolinha e gira e TÁ: TREZE! Não, mas eu não apostei! O Chimpanzé só me cutucou ansim e disse viu como que nós temo com sorte? Só que eu tava ressabiado, sabe. Vai que, né. Diz a guria que tava comigo você não vai apostar? Se você não tem dinheiro eu vou com outro, ela disse. Mas era LINDA, rapaz! Digo vamo prum quarto. E ela: depois. Primeiro você deixa eu jogar uma vez. Digo tá. E dei um dinheiro pra ela. Daí ela pegou e botou no treze de novo. E roda aquela bolinha desgraçada e cai noutro número... Diz ela eu só vou pra cama com você depois que eu ganhar uma vez. Digo então eu tô ferado. E quaje que eu larguei ela lá e me fui embora, mas diz ela só mais uma. Ela jogou e deu outro número de novo... Aí vem o Chimpanzé e diz quem tá com sorte sou eu! Diz me dê um dinheiro que eu te prometo que eu ganho. Digo você tem UMA chance, e dei um dinheiro pra ele e saí pra rua lá na frente.

Esperei mais de hora lá, até que ele aparece com as duas muié balançando um chumaço de nota assim no ar. Diz ele eu te falei que eu tava com sorte. Agora eu vou pro quarto com as duas e você vai ficar sem nenhuma. Digo negativo! E me engatei naquela que eu tava antes e puxei ela pro outro lado. Aí ela me oiou ansim e diz eu não sou puta! E fez aquele escarcéu no meio da rua. Mas era de cinema! As pessoa na vorta tudo assistindo, uma hora até uns bateram palma, e nós ali que não entendia nada, só pensando onde é que tava o fuca.

Aí achemo o caro e peguemo o primeiro rumo da estrada. Eu com o pescoção virado pra trás cuidando pra ver se ninguém vinha no encargo... Mas era de morer de dar risada! O Chimpanzé chegava tá com soluço! Diz ele que vontade de comer um cachoro-quente com soda...

O problema é que nós tava ficando sem gasolina e não aparecia UM posto naquela estrada. Diz o Chimpanzé é VOCÊ que dá azar. Aí quando que parou o motor de vez nós deixemo o auto lá numa veira¹² e fumo caminhando. Me diga se passava alguém ali! Mas nem alma depenada! Andemo tuda a manhã lá até que apareceu um carro. Diz o véio agora a próxima cidade é só no mar. E LEVOU nós de vorta até o fuca, imagine! Aí bombeemo ansim com a boca um pouco de gasolina no tanque e fumo seguindo o outro, né, que qualquer coisa ele ajudava. Não, mas ele não aceitou dinheiro em troca. Diz ele amigo, amigo. E mostrou pra nós o caminho até a praia lá que tinha. Daí digo vamo pedir pra ele dar umas informação. Diz o Chimpanzé nem pensar! Faz de conta que nós temo aqui pra comprar uísque. Só que nem tinha loja de uísque na vila lá. Era só uma bodega de vinho e cachaça. Daí pedimo pro véio se ele não sabia dum lugar pra alugar, tipo uma pensão, sabe. Diz ele eu tenho um quarto sobrando. PENSE confiar em dois que nem nós! Não, aquele véio era gente. Aí acertemo lá com ele um preço e fumo dar uma vorta pra ver o lugar.

Até que tinha umas pessoa no mar, mas a água era fria. Daí mais pra dentro da água uns pescador, umas gaivota e só. Digo quede¹³ os cliente? Eles aparecem, diz o Chimpanzé.

12. Cara orientadora. Observe a variação entre *b* e *v*, que já tinha aparecido antes em *bamo* (“vamos”). Mais do que influência do espanhol, esse fenômeno remete ao português arcaico, que de alguma forma sobrevive no dialeto (idioleto?) do nosso entrevistado.

13. Cara orientadora. Há quem defenda que a forma ortográfica seja *quedê-lhe*, como se esse *le* fonético fosse no fundo o pronome oblíquo *lhe* (é

Daí não sei se era quarta-feira ou que dia que era, mas eu sei que eu pensei que tá, vamo esperar uns dia pra ver, né, se no fim de semana não miora o movimento. Diz o Chimpanzé até lá nós compramo as salsicha e os pão e os troço pra fazer o moio. E uma panela, um fogareiro, pense o monte de coisa que você não tem que ter pra fazer cachoro-quente. Digo temo que vender refri e cerveja também. Daí: uma caixa de isopor. Mas JURRA que tinha essas coisa lá pra comprar. Só salsicha, isso tinha. E pão, que pão tem até lá nos índio.

Aí pedimo lá pro véio pra usar o fogão dele. Diz o véio mas vocês tão MORTO de fome! Diz pra que tanto cachoro-quente? Pancho, ele disse, que é cachoro-quente em cas-teiano. Nunca me esqueço a cara que aquele véio fez quando que eu falei que nós ia vender na praia... Diz ele isso daí? E chamou nós lá pra fora e diz vocês querem comer pancho eu mostro pra vocês. E levou nós na casa duma muié lá com umas criança que tinha uns cachoro-quente. Rapaz... Bota troço bão! Pra você ter uma ideia eu não quis nem chegar perto daqueles cachoro-quente que nós tinha feito depois de que eu comi o que ela fez. E não era porque nós tava com fome, que depois eu comi de novo e era a mema coisa de bão. Digo podemo dar meia vorta e vortar pra São Pedro que não adianta fazer cachoro-quente pra esses aí. O Chimpanzé chegava tá branco! Diz ele que que você tinha que dar com a língua nos dente? Daí depois ele não falava mais comigo. Só vortou falar pra dizer de ir pruma praia

o que acontece em *dale*, forma fonética de *dá-lhe*). O que eu vejo aí, porém, é a contração de *quedê* (que também ocorre sozinho, sem o *le*) e *ele*, ou seja, um pronome pessoal também usado em contextos indicativos (*quedê ele*). Como não temos a forma **quedela*, transcrevo *quedele* num vocábulo só, que entraria no meu dicionário como uma forma variante de *cadê*. O Dicionário Houaiss traz a forma *quede* (com acento na primeira sílaba, suponho), que seria a contração de *que é de...* e, portanto, *que é de ele*, o mesmo que *cadê ele*. Isso corrobora a minha hipótese.

mais maior. Aí digo vá você. E ele: tá. Me deixou lá com tudo aqueles cachoro-quente ruim e pegou o fuca e se mandou. Digo é mior assim memo, que eu já tava por aqui de louco que me aparecia se fazendo de amigo.

Daí eu só sei que eu vortei meio de a pé, meio de carona, meio de bicicleta... Não, se eu te conto você more de dar risada. E aquele tratante do Chimpanzé só deu as cara de novo lá em São Pedro um ano depois, que eu fui lá visitar a mãe e ele tava lá com as treta dele. Mas casou, fez fio, diz que ficou negociando uísque na fronteira. Aí uma hora que os home tavam de atrás dele ele resolveu vortar. Não, óia, lá em São Pedro só tem os pior¹⁴.

14. A propriedade do Coronelinho não era um latifúndio, mas era grande demais pra um casal apenas. Quer dizer, eles não plantavam nada, nem criavam gado, porco, ovelha ou filhos. O Treze às vezes olhava em volta o vale e comentava: *Que desperdício, rapaz!*

O Treze tinha construído uma patente perto da obra (nos primeiros dias, tínhamos até papel higiênico). Banho a gente tomava de mangueira, e o sabão ele mesmo tinha feito, com soda *cáussica* e banha de porco. A Brenda ia adorar tomar banho ali.

Eu dormia em cima dum pelego e me cobria com um pedaço de lona de caminhão. O Treze dormia na Barejeira, que era como ele chamava a variant verde dele. Ela não tinha banco traseiro: ele usava o espaço pra carregar restos de material de construção, pedaços de lenha, fios de luz e objetos vários encontrados no lixo. No fim do dia, ele ligava o carro e ficava acelerando durante algum tempo, pra não descarregar a bateria. Era uma maneira de competir com a TV da Caturita.

Além do Coronelinho, a gente não via mais ninguém. A Caturita só lá de vez em quando botava a cabeça pra fora da janela, e eu não conseguiria dizer se ela era morena, loira, feia ou bonita. A expressão usada pra definir o lugar seria *fim de mundo*, porém, considerando aquela fonte de água, as árvores nativas, o silêncio, os pássaros, me parece mais adequado chamar aquilo de *começo de mundo*. A distância da cidade me deixava razoavelmente otimista.